



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES

**EDUCAÇÃO E NACIONALISMO EM TEMPOS DE GUERRA:
REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA PARAIBANA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

DAVIANA GRANJEIRO DA SILVA

ORIENTADORA: IZANDRA FALCÃO GOMES

JOÃO PESSOA

2017

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba – Campus-I, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Fundamentos da Educação: práticas interdisciplinares.

Orientadora: Professora Ms^a. Izandra Falcão

JOÃO PESSOA

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Daviana Granjeiro da
Educação e nacionalismo em tempos de guerra: [manuscrito] :
representações da imprensa paraibana durante a segunda guerra
mundial (1939-1945) / Daviana Granjeiro da Silva. - 2014.
37 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Izandra Falcão Gomes, PROEAD".

1.Educação. 2. Segunda Guerra Mundial. 3. Nacionalismo.
I. Título.

21. ed. CDD 370

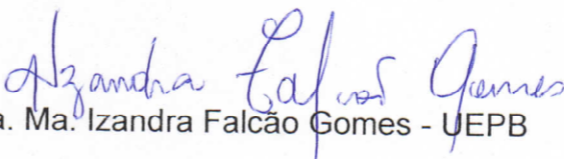
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES


DAVIANA GRANJEIRO DA SILVA

**EDUCAÇÃO E NACIONALISMO EM TEMPOS DE GUERRA:
REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA PARAIBANA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

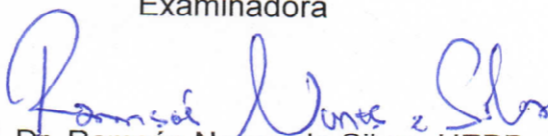
Monografia aprovada em 28 / 11 / 2014 para obtenção do título de especialista em Educação

Banca Examinadora:


Profa. Ma. Izandra Falcão Gomes - UEPB
Orientadora


Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca- UEPB

Examinadora


Prof. Dr. Ramsés Nunes da Silva- UEPB

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a meu pai, Gercino Granjeiro da Silva (*in memoriam*) que ainda menino e mesmo tão distante do *front* sentiu na pele os reflexos da II Guerra Mundial. Suas memórias de infância me inspiraram e contribuíram com esta narrativa.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho monográfico, apesar do nome contraditório, nunca é construído sozinho. É produzido com o auxílio de pessoas, que direta ou indiretamente, colaboram no processo da pesquisa e escrita da história. Para além dos atores envolvidos na grande cena historiográfica, estão também os sujeitos por detrás dos bastidores. Estes, não menos importantes, são responsáveis, em grande parte, por nos oferecer combustível necessário para a trajetória a ser trilhada. Ora nos auxiliam com uma indicação de leitura, ora nos proporcionam momentos de afeto e primazia. Sendo assim, gostaria de externar minha gratidão, em especial, a algumas pessoas que fazem parte desse cenário. E mesmo incorrendo na possibilidade do esquecimento de alguém, me arriscarei na tarefa.

Primeiramente, agradecer a família é fundamental, pois é meu alicerce de educação e afeto. E minha mãe é a maior representante disso, por ser responsável pela pessoa que sou e a quem devo muito mais que a vida. Uma de suas maiores lições foi me fazer sentir e entender que os laços biológicos não são maiores que o amor construído dia a dia.

Sou grata a alguns seres especiais que apareceram e permaneceram fazendo parte de minha vida, com os quais posso contar nos momentos mais diversos, seja para uma noite de farras ou uma madrugada de choro: Polyana, colega de graduação que tornou-se companheira de vida e de sonhos. Mais que uma amiga, nossos laços se tornaram de família. Sou grata pela parceria e irmandade ao longo desses anos. Obrigada também por ser minha crítica literária, analisando e interferindo positivamente nos meus textos; Landa e Belinha, por serem minhas amigas de longa data e por entenderem que apesar de nossa distância física, estamos sempre ligadas no respeito e no amor!

Agradeço ainda a Wendel George, pelo companheirismo a mim prestado durante a fase da especialização, que foi de suma importância para a conclusão desse curso.

Agradeço também aos colegas de curso, que tornavam meus sábados mais frutíferos: Fabrícia, Felipe Baunilha, Ércules, Edmilson Cantalice, Fernanda França e Daniela Tibério. Os nossos papos sérios e paralelos foram cruciais para que houvesse leveza nesse processo. Sinto-me agraciada por ter encontrado vocês pelo caminho!

Não poderia esquecer de agradecer à professora Ivonildes e ao professor Ramsés, por terem aceitado fazer parte da minha banca examinadora e assim, estarem contribuindo com a realização deste trabalho, com críticas e sugestões que me farão crescer como profissional e pesquisadora. Meu muito obrigada!

Por fim, meus agradecimentos de forma bastante especial a minha orientadora Izandra Falcão. Com ela, atentei para as discussões em torno da função da educação/escola e foi o que me deu base para refletir sobre minha própria pesquisa. A sua forma de enxergar e lutar pela educação contagia e inspira. Sem dúvidas, a terei como referência pessoal e profissional.

RESUMO

Este trabalho trata das representações do jornal A União no que se refere às práticas educacionais patrióticas disseminadas e intensificadas em virtude da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Dentro da perspectiva da História Cultural, a proposta é analisar de que forma o governo brasileiro, através dos periódicos, propagava práticas nacionalistas e divulgava ações pedagógicas de escolas públicas, influenciando a sociedade paraibana para a construção de valores morais e patrióticos, gerando uma consciência histórica para o período. A abordagem desta pesquisa é qualitativa e metodologia utilizada foi a análise de matérias apresentadas nos jornais no recorte temporal estabelecido e o embasamento em bibliografia que tratam da temática. Dialogando com Eric Hobsbawm (1999), Jörn Rüsen (2007), Vânia Cristina da Silva (2011), FONSECA (2006), dentre outros autores que se propõem a discutir a função da educação e seus desdobramentos na vida prática, tornou-se possível a realização desse intento e assim, contribuir com a historiografia da educação na Paraíba.

Palavras-Chave: Educação; Segunda Guerra Mundial; Nacionalismo.

ABSTRACT

This work deals with the representations in the newspaper *A União* associated with the patriotic educational practices disseminated and intensified by the Second World War (1939-1945). Inside in the perspective of the Cultural History, the proposal is to analyse how the Brazilian government, through the periodicals, propagated nationalism practices and disseminated pedagogical actions of the public schools, influencing the Paraíba society in the construction of moral and patriotic values, generating a historical consciousness for the period. The approach of this research is qualitative and the methodology used was the analysis of subjects presented in the newspapers in the established temporal cut, and in the basis bibliography that deals with the subject. Dialoging with Eric Hobsbawm (1999), JörnRüsen (2007), Vânia Cristina da Silva (2011), FONSECA (2006), among other authors who propose to discuss the function of education and its unfolding in practical life, it became possible the realization of this objective, and thus contribute to the historiography of education in Paraíba.

KEYWORDS: Education; Second World War; Nationalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EDUCAÇÃO EM FAVOR DA GUERRA: TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939/1945)	14
1.1 A função da educação brasileira durante o Estado Novo.....	14
1.2 Contextualizando a Segunda Guerra Mundial.....	15
2. CULTURA POLÍTICA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE GUERRA: MANIFESTAÇÕES CÍVICAS E PATRIÓTICAS NA PARAÍBA	25
2.1 Patriotismo e Nacionalismo: fenômenos convergentes.....	25
2.2 Getúlio Vargas e cultura política no Estado Novo.....	27
3. USOS PÚBLICOS DA HISTÓRIA PARA ALÉM DOS ESPAÇOS ESCOLARES: OS JORNAIS COMO FORMADORES DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	30
3.1 Educação em espaços não escolares.....	30
3.2 Representações da imprensa paraibana: O Jornal A União como espaço propagador dos ideais nacionalistas.....	33
3.3 Os reflexos da II Guerra Mundial no cotidiano da Paraíba e sua influência para a educação.....	35
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Panorama da Guerra.....	18
Figura 02: Anúncio Texaco.....	21
Figura 03: Paraibanos desaparecidos.....	32

INTRODUÇÃO

As décadas de 30 e 40 do século XX constituem-se como marcos relevantes para a história da educação no Brasil com reformas visando à reorganização do ensino atreladas à política nacionalista de Getúlio Vargas. Registra-se nesse período a organização de intelectuais brasileiros na organização do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932); a assimilação da orientação produtiva Taylorista-fordista que, dentre outras implicações, desecandeará por parte do governo central a criação de espaços formais de escolarização profissional, com destaque para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e as leis orgânicas do ensino industrial, secundário e comercial (1940-1942), sendo as duas últimas ações decorrentes da Reforma Capanema (1942-1943).

No Estado da Paraíba, conforme registra os estudos de Vânia Cristina da Silva (2011), as implicações da Reforma do Ensino¹ realizada no ano de 1942, desencadeará várias medidas para reorganizar o ensino em geral sendo essas alterações condicionadoras de um novo projeto para o Estado Novo² no Brasil, institucionalizador de um discurso patriótico, nacional e cívico, em especial nos grupos escolares. Esse panorama se refletiu de forma peculiar no estado paraibano.

Esse contexto vai ser ainda mais intensificado diante da Segunda Guerra Mundial (1939/1945), mormente com a entrada da Paraíba em agosto de 1943, onde o estado será contagiado pelo clima de guerra. A repercussão no ensino paraibano leva a (re) organização das práticas pedagógicas e a intensificação será notadamente observada na valorização dos símbolos nacionais como, por exemplo, o hasteamento do pavilhão nacional. Outras manifestações de caráter educativo serão observadas, sobretudo, através dos meios de comunicação da época, especialmente através do Jornal da União.

Esse comportamento dos meios de comunicação visava intensificar a consciência nacional³ que não só fomentava a adesão da população ao espírito nacionalista cujo amor à pátria se sobrepunha ao amor pela família, mas induzia o consenso à guerra. Ou seja, observa-se nos periódicos, por exemplo, discursos de mulheres falando da importância de seus esposos

¹ A Reforma Gustavo Capanema, de 1942, confirma o objetivo do governo para uma formação moral e patriótica, ao restabelecer a História do Brasil como disciplina autônoma. Ver mais em FONSECA (2006).

² Assim foi denominado o período compreendido entre 1937 a 1945, em que Getúlio Vargas governa o Brasil por meio de um regime ditatorial.

³ Aqui é utilizado esse conceito amparado nas discussões de Eric Hobsbawm (1998) em sua obra *Nações e Nacionalismo desde 1780*.

e filhos irem para a guerra⁴. O jornal *A União*, órgão oficial do Estado, se constituirá como veículo crucial de propagação do espírito estatal reforçando ideologicamente o patriotismo, garantindo através das notícias diárias acerca do confronto bélico em todo o mundo, o consenso e apoio da população.

As notícias sobre educação nas páginas de *A União* terão caráter disseminador de ações patrióticas e para além do ambiente escolar, o jornal também passa a exercer função educadora. A cada notícia evidenciada sobre a guerra, a cada relato de escolas com movimentos de incentivo à nação brasileira, a cada apelo de alguma figura influente na sociedade a população estaria apreendendo e construindo uma relação de sentidos e uma consciência histórica⁵ sobre esse momento ímpar na história do Brasil.

A forma como as notícias e as práticas escolares sobre a guerra são tratadas e disseminadas naquele período histórico pelos periódicos, excepcionalmente, o jornal *A União* será ponto relevante para a reflexão deste trabalho. Entende-se que o citado veículo, além da própria escola, contribuirá para a construção de representações onde se assimilam ideologias do Estado Nacional. Sobre representação, o conceito proposto por Sandra Pesavento corresponde ao sentido que aqui se quer expressar.

“As representações apresentam múltiplas configurações e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo, tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Indica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam comportamentos e papéis sociais. (PESAVENTO, 2005, p. 41)

Dessa forma, optamos por pensar as representações dentro de uma cultura política predominante durante o Estado Novo cujo significado reflete o “sistema de representações, complexo e heterogêneo, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que de um determinado grupo (cujo tamanho pode variar) atribui a uma dada realidade social, em determinado momento de tempo.” (GOMES, 2005, p.31).

⁴ Essas análises são fruto de minha pesquisa monográfica da graduação, no ano de 2011, onde pesquisei sobre os reflexos da guerra no cotidiano da Paraíba. Intitulada *Para além das fronteiras: os reflexos da Segunda Guerra Mundial no cotidiano da sociedade paraibana (1939/1945)*, a monografia foi defendida em 02 de dezembro de 2011, na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III.

⁵ Discutiremos esse conceito a partir das leituras do historiador alemão Jörn Rüsen (2007) que tem contribuições cruciais para o campo da teoria da história, bem como da didática da história. A forma como em sua obra *História Viva* ele aborda as questões dos usos públicos da história será de fundamental importância para as reflexões que são apresentadas ao longo deste trabalho.

Nesse sentido, este trabalho tem como intenção identificar as representações do jornal *A União*, no que se refere às práticas educacionais disseminadas e intensificadas em virtude da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), especialmente após a entrada do Brasil no confronto, em agosto de 1942. Dentro da perspectiva da Nova História Cultural⁶, a proposta é analisar de que forma o governo brasileiro, através dos periódicos, propagava práticas nacionalistas e divulgava ações pedagógicas das escolas públicas, influenciando a sociedade paraibana para a construção de valores morais e patrióticos.

Sendo assim, no primeiro capítulo, far-se-á uma explanação sobre a história da educação no Brasil, sobretudo no que se refere ao século XX, possibilitando perceber, de forma mais abrangente, a função da escola pública no recorte temporal que compete as décadas de 30 e 40 do período em questão. Para tal intento, algumas referências serão fundamentais, pois apresentam uma relevante contribuição para a historiografia educacional. É o caso da obra “As lentes da História” de Diana Gonçalves Vidal e Luciano Mendes de Faria Filho, que traçam uma intensa apresentação da história da educação brasileira desde o século XIX além das reformas escolares e os avanços na institucionalização do ensino ao longo do século XX.

A partir dessa sistematização, será possível fazer uma abordagem acerca do ensino público no estado da Paraíba nesse período, com a intenção de perceber a cultura política vigente durante o Estado Novo e as conotações que as práticas escolares tiveram nessa conjuntura de ditadura e mais especificamente, de conflito mundial que foi a Segunda Guerra.

Trazendo a discussão para o campo específico da educação paraibana, será feita uma análise dos rituais simbólicos que se tornaram frequentes no período em questão. A tentativa é perceber a invenção de uma tradição⁷ e construção de brasilidade⁸.

A historiadora Vânia Cristina da Silva, em sua dissertação intitulada *Ó pátria amada, idolatrada, salve! salve! Festas escolares e comemorações cívicas na Paraíba (1937-1945)* traz uma abordagem relevante que corrobora com o intento dessa pesquisa, pois analisou como as

⁶ Corrente historiográfica que surgiu na década de 1970, marcando a 3ª geração da Escola dos Annales dando ênfase à História das Mentalidades. Ronaldo Vainfas em artigo na obra *Domínios da História*, apresenta conceitos sobre a dimensão da História das Mentalidades e da História Cultural, com abordagem na historiografia dos Annales.

⁷ O conceito aqui utilizado de tradição inventada é amparado pelo historiador Eric Hobsbawm (1997), com ênfase em sua discussão sobre as práticas simbólicas através de rituais que vão sendo ressignificados no imaginário social. Mais precisamente, o autor chama a atenção para o fenômeno do nacionalismo como movimento ideológico que torna necessária a invenção de uma continuidade histórica (p.15).

⁸ Em *A Construção Nacional* o autor José Murilo de Carvalho disserta sobre a construção da brasilidade durante o Brasil Imperial e afirma que essa construção se dá em vários momentos da História do Brasil, inclusive na República.

festas escolares e as manifestações cívicas se processaram na Paraíba durante o Estado Novo (1937-1945) e como tais práticas foram usadas para direcionar a educação nacional.

Apesar de possuímos pontos comuns na pesquisa histórica, nossos trabalhos se divergem, sobretudo, pela ênfase ao período estudado, pois a proposta dessa pesquisa está voltada para as práticas consequentes do contexto da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

No segundo capítulo, a proposta é fazer uma abordagem acerca do contexto político-social brasileiro, percebendo as especificidades do estado da Paraíba no que tange a um modo de cultura política predominante que irá corroborar com o regime ditatorial varguista. Sob o âmbito do confronto bélico e a entrada do país no combate, as práticas de intensificação do patriotismo serão fortemente propagadas no jornal *A União*, de modo a construir uma consciência histórica sobre a guerra, como os estudos irão nos mostrar.

Para isso, discutiremos sobre o conceito de nacionalismo, questão estrutural, pois será o fio condutor para as práticas educativas patrióticas disseminadas nessa conjuntura. A análise dos periódicos e o diálogo com os teóricos que tratam da temática – Eric Hobsbawm, René Remond, Thaís Fonseca, Ângela de Castro Gomes, dentre outros – permitiram uma análise do período, dentro do recorte estabelecido.

Por último, o terceiro capítulo se constituirá como o resultado da pesquisa nos jornais, com reflexões acerca de como os espaços não escolares serviram para educar, em certa medida, a população paraibana sobre a guerra. O embasamento teórico de acordo com Jörn Rüsen será crucial, pois através de sua abordagem, foi possível pensar como os usos públicos da história foram sendo assimilados através dos periódicos. E mais do que isso, como a população paraibana sentiu os reflexos da guerra em seu cotidiano, construindo assim, uma consciência histórica sobre esse momento ímpar da história da humanidade.

Capítulo I

EDUCAÇÃO EM FAVOR DA GUERRA: TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939/1945)

1.1A função da educação brasileira durante o Estado Novo

A história da educação no Brasil perpassa pelos contextos políticos e sociais, desde o período colonial até o atual cenário republicano do país e durante essas diversas temporalidades é possível perceber que a função da educação se configurou de formas diversas em cada período. Para esse estudo, o nosso foco é contextualizar a primeira metade do século XX, em virtude de ser o recorte temporal específico de nossa análise historiográfica. Sendo assim, se faz relevante um breve panorama da educação brasileira que demarca as primeiras décadas do século XX e ganha nova dimensão a partir da década de 1930, com as reformas no campo educacional, em virtude do regime ditatorial firmado por Getúlio Vargas, o Estado Novo (1937-1945).

A História da Educação no Brasil (1930-1973) de Otaíza Romanelli (1986) é um clássico na abordagem sobre a educação brasileira. Sua obra traz uma importante análise de como se configurou a educação durante esse período de crises e revoluções, que ela destaca como sendo o momento crucial de solidificação do sistema capitalista no país e o campo educacional, nesse sentido, seria o elemento catalisador desse momento, pois seu desenvolvimento se engendrava ao desenvolvimento econômico e a dimensão ideológica do aparelho estatal. A autora destaca o processo da expansão do ensino, mostrando como as alterações após 1930 caminharam para um novo cenário da educação brasileira, porém, reiterando que desde esse período, “cresceu a defasagem existente entre educação e desenvolvimento (p.127)”, pois o sistema educacional possuía caráter de discriminação social. Dentro de uma perspectiva marxista, Romanelli apresenta sua tese subdividindo o período que se propõe analisar em três fases: 1930 a 1937; 1937 a 1946; e por último, de 1946 a 1961.

A divisão é justificada pelo contexto do Governo Provisório⁹ e os seus desdobramentos, a

⁹Período convencionado pela historiografia tradicional, que compreende os anos 1930 a 1934, em que Getúlio Vargas governou o Brasil através de decreto (após a chamada *Revolução de 1930*) de forma provisória, até que se estabelecesse a nova Constituição.

implantação do regime ditatorial, momento crucial para a legislação educacional e o período marcado pelo nacionalismo e populismo intensos, culminando na criação da Lei 4.024 de 1961 que corresponde a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹⁰.

Para o foco de análise deste trabalho, é importante destacar que a partir de 1930, as reformas estabelecidas no ensino brasileiro vão ao encontro do novo cenário político, que prezava pela educação nacional. Até então, o ensino era pensado de forma descentralizada e a Reforma Campos Sales¹¹, mais especificamente, vai redimensioná-lo para um sistema nacional, como registra Romanelli. No entanto, a autora faz um balanço dos marcos dessa reforma para o ensino elencando vários pontos negativos e contraditórios com a dinâmica da política no Brasil apontando para a “existência de uma política educacional baseada numa concepção ideológica autoritária (p.142)”. Por sua vez, a Reforma Gustavo Capanema de 1942, vai atender, em certa medida, à dinâmica político-social do trabalho, característica forte do governo Vargas durante o Estado Novo e voltada para elevar a consciência patriótica e humanista. Isso implica pensar na educação como manobra política e a escola como “aparelho ideológico do Estado” (ALTHUSSER, 1999) onde o ensino é o meio para a fixação das ideias estatais vigentes.

Nesse sentido, as formas de disseminação patriótica vão sendo intensificadas através das práticas educativas, como podemos perceber com as determinações dos próprios decretos-lei que estabeleciam o hasteamento da bandeira, o canto do hino nacional, dentre outras ações que fariam parte do cotidiano escolar e sutilmente, construiriam uma nova consciência nacional, que vai ser ainda mais fortalecida com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, como veremos adiante.

1.2 Contextualizando a Segunda Guerra Mundial

Nos primeiros anos de guerra, o Brasil participou de forma mais nominal, apoiando os países aliados e enviando matérias-primas, como o café e o algodão. Não havia expectativa alguma do país participar ativamente no confronto mundial, pois ele mantinha relações amistosas com países do bloco aliado¹², assim também como com alguns países do Eixo, a exemplo da própria Alemanha. Visto como um país pacifista, alguns países envolvidos

¹⁰Criada em 1961, com o objetivo de regularizar e definir o sistema de educação brasileiro, em consonância com a Constituição do país.

¹¹ Reforma de ensino, estabelecida após 1931, caracterizada por um conjunto de decretos que dispunham sobre a ensino secundário, o currículo seriado, a frequência obrigatória, a estruturação do sistema de inspeção, dentre outras determinações.

¹² Aliança feita entre os países democráticos que iam contra as forças do Eixo.

desacreditavam na participação brasileira. Mesmo internamente, a sua população não era crente de sua ida aos campos de batalhas para lutar contra as forças do Eixo.

Alguns fatores justificariam esse descrédito, como a própria postura do Brasil que sempre foi de pacifismo e o fato de o país viver sob uma ditadura simpatizante com os regimes totalitários, mas, no entanto, declarava apoio aos países democráticos. Outro fator seria a falta de estrutura brasileira para participar do confronto entre os países beligerantes.

O Brasil não dispunha de condições para entrar em um confronto armado de dimensão global. Nem estruturas bélicas, nem tampouco operacionais, pois a organização militar brasileira era deficitária para o padrão exigido pela II Guerra Mundial. Acerca disso, o historiador Luciano Bastos Meron (2009, p. 19), em sua dissertação *Memórias do Front*, registra alguns relatos de guerra de veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) onde afirma:

O envolvimento direto com a guerra moderna traria mudanças profundas na organização militar brasileira. As diferenças de organização e recursos das Forças Armadas do Brasil em relação aos Estados Unidos da América são perceptíveis no processo de preparação da FEB em solo pátrio.

O descrédito era tanto que logo se disseminou o ditado popular pelo país de que “era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na Guerra”. Pois bem! A cobra fumou! Fumou e deve ter se intoxicado toda, pois o Brasil não só entra na Guerra, como sai dela do lado vitorioso e com participação satisfatória, como veremos mais adiante.¹³

Rememorando, o ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, fez com que os Estados Unidos entrassem na guerra. No mês seguinte, em 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão. A partir de então a sensação de neutralidade seria dissipada. Houve, nos sete meses seguintes, uma sucessão de agressões do Eixo ao Brasil, com torpedeamentos de seus navios.

Em 18 de agosto de 1942 navios brasileiros são afundados no litoral baiano. A notícia vem estampada no Jornal *A União*, causando uma comoção popular e um sentimento de justiça.

¹³ O livro **Trenta anos depois da volta (1975)** traz uma abordagem sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial, um relato sobre o país de antes da Guerra, o processo de preparação da FEB, a presença do país no confronto e a volta da Força Expedicionária Brasileira com as mudanças que o conflito acarretou no Brasil. A obra foi publicada pela Editora Biblioteca do Exército, com o objetivo de homenagear os pracinhas e apresentar à juventude da década de setenta as narrativas sobre esse momento ímpar. Esse direcionamento é explicitado na introdução “Cuidamos que seria de bom augúrio para todos nós que a mocidade de hoje se identificassem com os moços que, trinta anos antes de agora, nos ajudaram, com as suas vigílias e o seu sofrimento, a ser o que hoje somos. Visando, uma vez mais, à mocidade, deixamos em suas mãos esta publicação – mais uma reportagem que um livro – e o tema é ainda a mocidade, a mocidade do ‘pracinha’ que não voltou, ou que voltou marcado pela guerra, dentro de si mesmo, para sempre” (p.11)

A população vai às ruas demonstrar a indignação e clamar por justiça e esse momento é externado pelo Jornal como uma prova de patriotismo, sendo narradas detalhadamente as manifestações populares nos dias seguintes ao atentado. É importante atentar para o destaque dado pelo jornal à notícia do torpedeamento: a manchete principal, ou seja, a primeira página que traz em destaque as notícias mais relevantes do dia, subtende uma ênfase muito maior não explicitada nas páginas seguintes. O que se percebe é a forte entonação para a notícia com o propósito de gerar comoção popular.

Desde ante-ontem aos primeiros momentos da divulgação da dolorosa notícia, formou-se nessa cidade [João Pessoa] um verdadeiro movimento patriótico, de que participaram, todas as classes, vibrantes e cheias de entusiasmo, profligando a selvagem agressão, que fere todos os elementares princípios do direito internacional. (A União, 20 de Agosto de 1942, p. 6)

O momento de participação popular é comparado à Revolução de 1930, em coluna da *A União*: “A Paraíba está de pé contra a hora do Brasil. Toda a cidade de João Pessoa¹⁴ apresenta um grandioso aspecto comparado aos grandes dias de 30” (p.6) A associação ao movimento de 1930 mostra um discurso voltado para as questões de um fato marcante na história paraibana, no que tange às questões de participação das massas.

Em 22 de agosto de 1942 o Brasil declara guerra ao Eixo e a partir de então os meios de comunicação dão ainda maior ênfase às notícias da Guerra. Se antes o jornal *A União* apresentava cotidianamente uma coluna com o panorama da guerra dos principais países beligerantes, agora o Brasil entrava na lista da coluna, sendo acompanhado o desfecho da sua participação efetiva no confronto:

¹⁴As citações extraídas do jornal constam da mesma forma, sem alterações na escrita.

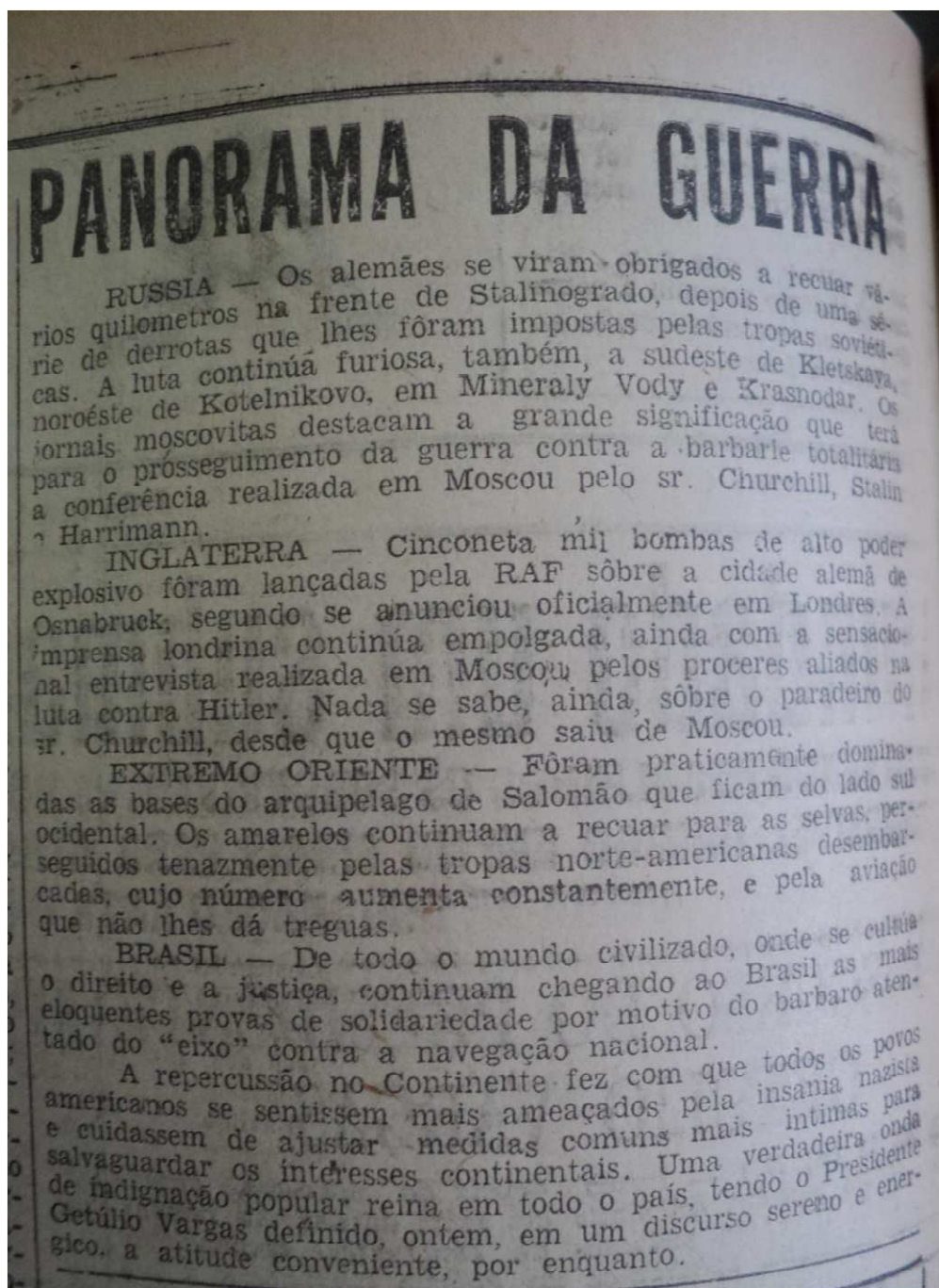


Figura 01: Imagem da coluna do dia 19 de Agosto de 1942, do Jornal A União. Foto: Autora.

Notadamente após o atentado aos navios brasileiros no litoral baiano, o governo já demonstra movimentações para a sua entrada na Guerra, pois no dia seguinte ao torpedeamento o Brasil, em coluna do jornal oficial do governo, nomeado de Panorama de Guerra, o Brasil aparece em destaque após bombardeio sofrido.

É possível perceber que havia a cogitação de o país entrar no confronto, mesmo antes do atentado em 18 de agosto, pois a partir da análise do dia-a-dia nos jornais, constata-se uma prévia preparação brasileira, tanto no setor bélico, com o anúncio de treinamentos militar, cursos de soldados, bem como no setor psicológico enaltecendo-se a figura do presidente como responsável e comprometido com o futuro da nação para que dessa forma, a população confiasse e estivesse disposta a lutar por amor à pátria¹⁵.

Após a declaração de fim da neutralidade brasileira, diversos países, a exemplo de Portugal, Argentina e Inglaterra externam admiração pela decisão corajosa do Brasil e escrevem ao presidente Getúlio Vargas com demonstrações de apoio e estima. Os Estados Unidos também se mostram extremante satisfeito pela decisão honrosa do Brasil, enxergando assim uma prova na luta pela democracia.¹⁶

A organização da Força Expedicionária Brasileira (FEB) começaria em 1943, mas somente no ano seguinte embarcaria para o confronto bélico. Nesse sentido, é relevante analisar o período que vai desde a declaração da entrada do Brasil na Guerra em 1942 até a embarcação da FEB, em 1944. É possível perceber, com isso, o intenso e gradual processo de preparação militar do país.

Mônica Pimenta Velloso retrata as transformações no campo político-cultural durante o Estado Novo e chama a atenção à época da guerra:

Na conjuntura de guerra, o governo promove o “Carnaval da vitória”, cujo slogan é “Colaboro mesmo quando me divirto”. O programa constava de um desfile de carros alegóricos, que representavam temas de cunho patriota como “Apoio à política de guerra do governo”, “União Nacional”, “Crítica às doutrinas totalitárias”, encerrando-se com o carro da “Apoiose à vitória”. A guerra é apresentada como o resultado do choque de duas mentalidades que se digladiam maniqueisticamente: as forças do bem são representadas pela democracia e pelo cristianismo; enquanto as forças do mal são corporificadas pelo totalitarismo e pelo ateísmo. (2007, p.167)

A Segunda Guerra Mundial acarretará algumas mudanças no Brasil e nas relações do país com o exterior. Se antes ele mantinha relações diplomáticas com a Alemanha, a situação muda completamente de figura em detrimento da participação ativa dos Estados Unidos na economia brasileira. Acerca disso, Maria Antonieta P. Leopoldi (2007, p. 274) afirma:

¹⁵ A partir das pesquisas nos períodos, foi possível identificar que durante o primeiro semestre do ano de 1942, ocorrem várias ações voltadas para preparação militar brasileira, como cursos de soldados, cursos de enfermagem para a marinha, propagandas de caráter patrióticos, dentre outras.

¹⁶ Aparecem explicitadas no jornal em diversos momentos as declarações de apoio dos países aliados.

A década de 1940 representou um período de menor turbulência para o comércio externo do Brasil. Nesse momento o destino predominante dos produtos brasileiros são os Estados Unidos (quase 60%), o que evidencia a dependência brasileira para com aquele país ao fim da guerra, como mercado para as exportações e como supridor das importações. A Guerra tornava impossível abastecer os países europeus pelos riscos no mar (a ameaça dos navios alemães) e no continente (pelos bloqueios feitos pelos aliados, e pelos territórios ocupados, que desorganizaram a economias nacionais).

Apesar das dificuldades na preparação militar brasileira, que teve de se enquadrar aos padrões norte-americanos em um curto espaço de tempo, a participação do Brasil foi considerada satisfatória. Muitos documentários produzidos após a II Guerra Mundial, bem como reportagens e escritas diversas apresentam a participação brasileira com saldo positivo. Os documentários *A cobra fumou (2000)* e *Senta a Pua! (1999)* são exemplos que narram a participação da Força Expedicionária e da Força Aérea do país e de como os soldados brasileiros sentiram esse momento. A revista *Nossa História*, em janeiro de 2005 traz na capa destaque *O Brasil foi à Guerra: o drama nas trincheiras da Itália. As origens da FEB. O difícil regresso*. A edição reúne artigos de historiadores que apresentam o difícil processo de preparação militar, a ida aos campos de batalha e o regresso que vai marcar um outro momento, completamente diferente da exaltação do país, na figura dos pracinhas que era tão aclamada antes do embarque.

A ida aos campos de batalha na Itália, em solo desconhecido e com preparação deficitária transparecia tensões de que o exército brasileiro seria esmagado pela superioridade bélica alemã. No entanto, os medos foram vencidos, os improvisos do momento de combate no *front* surtiram efeitos positivos e a FEB (Força Expedicionária Brasileira) saiu da Europa com um bom percentual de aproveitamento¹⁷.

Diversos setores da sociedade mudaram durante a Guerra. O setor econômico foi bastante alterado, com investimentos profundos no corpo militar brasileiro; os setores artísticos e culturais também sofreram modificações em decorrência do clima de conflito mundial, onde os cinemas, por exemplo, passaram a exhibir uma série de filmes de guerra; o campo da Moda foi contagiado com roupas em estilo do Exército, com os tons verde e cinza; o carnaval agora

¹⁷Este trabalho não pretende adentrar no processo de preparação da FEB, que requer um recorte diferenciado e uma abordagem específica voltada para a longa trajetória por que passou a Força Expedicionária Brasileira. Para maior detalhamento desse processo, ver obra do historiador Luciano Bastos Meron **Memórias do Front: Relatos de Guerra de Veteranos da FEB**”, onde o autor aborda detalhadamente desde a preparação militar brasileira aos seus rendimentos no front na Europa.

passava a desfilar com alegorias de exaltação da pátria e aclamando à vitória da democracia. Tal aclamação contrapunha-se a situação política brasileira já que o país vivenciava um regime ditatorial e ia ao encontro das alianças varguista com o governo norte-americano.

Os anúncios de propagandas nos jornais também se ajustaram no enredo da Guerra. O exemplo mais notório é o anúncio de combustíveis e pneus, em virtude da racionalização desses produtos. O apelo era economizar e se preparar para o estado de beligerância com marcas que estavam lutando em prol da vitória das nações unidas.



Figura 02. Anúncio da Texaco, (Posto de combustíveis e lubrificantes norte-americano) presente no Jornal A União, 9 de julho de 1944, p.3).

Como é possível perceber na imagem, o título do anúncio enfatiza a preocupação da marca com a causa da Guerra. Ainda mais fortemente é o apelo dirigido aos leitores chegando a declarar que a Texaco está ajudando a vencer a Guerra:

Presente em muitas fontes de combate, alimentando tanks, aviões e uma série enorme de veículos motorizados. Texaco está ajudando a vencer a guerra. Apesar desse esforço, seus produtos continuam chegando para abastecer as nossas forças armadas, indústrias e transportes. Não obstante, Texaco continuará a fazer todos os suprimentos destinados a atender as mais urgentes necessidades civis. (A União, 9 de julho de 1944, p.3)

O texto para o anúncio sugere uma sensibilidade de quem se preocupa com os destinos do país. Mais uma vez, o apelo é feito com o intuito de angariar credibilidade. Comprar os combustíveis Texaco¹⁸ seria estar colaborando para a vitória:

¹⁸Empresa de combustíveis e óleos lubrificantes, fundada no início do século XX, no Texas (EUA) e que teve destaque durante a II Guerra Mundial na venda e exportação de combustíveis.

A disseminação das notícias sobre o desenrolar da Guerra se deu no Brasil com a forte atuação dos meios de comunicação. Daí a importância da análise desses relatos que eram apresentados nos jornais. A população brasileira foi tomando consciência da dimensão do conflito mundial a partir das informações que circulavam cotidianamente pelas ruas. Com isso, foram se intensificando as sensibilidades que afloravam muito fortemente nesse momento, fazendo com que o povo brasileiro, de fato, se manifestasse em favor das forças aliadas.

A guerra provocaria grandes mobilizações no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos. Ela chegava por meio dos jornais e do rádio, e, especialmente, após o ataque japonês à base militar norte-americano de Pearl Harbor, os acontecimentos do conflito mundial passariam a ser debatidos nos bares e cafés. (MERON, 2009, p.26)

Após a declaração de entrada da Guerra, o Brasil irá passar por transformações ainda maiores. O país terá que ajustar diversos setores que sentiram os reflexos do confronto mundial: preparação militar, tabelamento de preços de produtos de primeira necessidade incentivo patriótico por meio de manifestações populares, propagandas e discursos proferidos pelo presidente e no caso da Paraíba, pelo seu representante maior, o interventor Ruy Carneiro.

A aversão declarada à Alemanha vai acarretar na vigilância e proibição da saída de alemães residentes no país para o exterior, sobretudo após os atentados no litoral brasileiro. Tais medidas eram tomadas a fim de se evitar possíveis comunicações entre os alemães residentes no Brasil com o seu país natal e em dado momento os alemães foram tomados como reféns, com o decreto do presidente Vargas: "Deve ser permitida a saída de alemães que exerceram aqui qualquer função diplomática. Quanto aos demais, devem ficar como reféns dos nossos patrícios detidos em Compiègne¹⁹" (A União, 21 de Ago. de 1942, p.6)

Os anos seguintes a 1942 serão palcos de articulações e estratégias em prol de manter a imagem de um país dentro da "ordem e do progresso", lema da nação, durante esse momento de tensão. A economia brasileira passou por mudanças, com os tabelamentos de preços de alimentos e produtos de outras necessidades; os setores de exportação e importação também sofreram alterações; houve racionamento de combustíveis e diminuição no consumo de carne no país.

¹⁹ Cidade francesa, onde ocorreu o *Armistício de Compiègne*, em 1918, o tratado que oficializou o fim da I Guerra Mundial.

Acompanhando essas alterações, o Jornal *A União* enfatizava dia-a-dia as medidas tomadas pelo governo e relatava as palavras de conforto dadas aos brasileiros, justificando como sendo necessária essa cooperação para o futuro do país.

Nesse sentido, torna-se destaque a atuação do Banco do Brasil no campo econômico brasileiro. Após pouco mais de um ano da entrada do Brasil no confronto *A União* apresenta o relatório do presidente do banco Marques Reis com o título *O Banco do Brasil e o esforço de guerra nacional*:

O Banco do Brasil desempenha um papel excepcional na articulação das forças produtoras do país, assume uma importância cada vez maior em face dos grandes problemas de ordem econômico-financeira que o estado de beligerância veio acarretar.

Perfeitamente aparelhado e em condições de enfrentar galhardamente por intermédio de suas carteiras, os diversos problemas precipitados ou agravados pela Guerra, o Banco do Brasil está cooperando eficientemente unto ao governo federal no esforço ingente pela vitória da grande causa em que nos empenhamos (A União, 18 de Outubro de 1943, p.8).

Esse discurso parte da atuação do Banco do Brasil no âmbito nacional. Todavia, ainda resta ao jornal relatar a situação do estado da Paraíba, enfatizando a sua honrosa participação nos destinos nacionais:

Na Paraíba, como em todos os Estados, a ação do Banco do Brasil tem sido de maneira a merecer os melhores aplausos.

Deve-se à presidência do Sr. Marques dos Reis a instalação de diversas filiais no interior do Estado, proporcionando assim, maiores possibilidades ao progresso de nossa terra. (A União, 18 de Outubro de 1943, p.8)

O que se pode perceber a partir desses discursos é a preocupação do governo em se utilizar dos meios de comunicação para externar uma situação de controle e de estabilidade apesar da efervescência de estado de beligerância em que se preparava o país. Outro ponto interessante a destacar é a forma como o jornal apresenta as notícias, sendo extremamente superficial (o relatório não apresenta efetivamente as medidas de ordem econômico-financeira), buscando emocionar o público leitor, com discursos patrióticos e genéricos.

A escrita do Jornal só vem a explicitar o momento político em que se encontrava o Brasil: um regime ditatorial, com um governo nacionalista cujo presidente utilizava-se de diversas formas para registrar um país saudável e dentro da sua ordem, como veremos no capítulo seguinte.

Capítulo II

CULTURA POLÍTICA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE GUERRA: MANIFESTAÇÕES CÍVICAS E PATRIÓTICAS NA PARAÍBA

2.1 Patriotismo e Nacionalismo: fenômenos convergentes

O Nacionalismo é um fenômeno complexo que se configura em tempos, espaços e contextos distintos. Possuindo caráter ideológico, disseminou-se por diversos países e atingiu uma ampla dimensão.

Eric Hobsbawm em *Nações e Nacionalismo desde 1780* aborda a questão do nacionalismo entrelaçado com o conceito de nação e com abrangência maior do que o caráter meramente geográfico. O autor questiona o caráter conceitual, admitindo a complexidade do termo em vista das ordens políticas, sociais, econômicas e culturais presentes nas relações humanas e que, portanto, interferem na conceituação desse fenômeno.

Para o historiador britânico, o fenômeno do Nacionalismo é uma construção que vai sendo fortalecida em fins do século XVIII e início do século XIX e que as relações políticas, econômicas e sociais são entrelaçadas na construção desse fenômeno²⁰. Isso implica dizer que cada espaço e cada temporalidade vão absorver de forma particular o sentimento de nacionalismo, e assim também o fará a população de determinada região.

Acerca da efervescência do Nacionalismo nos países latino-americanos, o autor aborda a marginalidade do fenômeno em países fora da Europa:

O maior aglomerado de Estados independentes fora da Europa – as repúblicas latino-americanas – chamavam pouca atenção a não ser nos Estados Unidos, e o nacionalismo nessa área era visto mais como uma piada ruritânia, ou assimilado pelo indigenismo – a redescoberta cultural da validade das civilizações e das culturas indígenas –, até que certos grupos, nas décadas de 30 e 40, surgiram para mostrar simpatia pelo fascismo europeu, o que lhes permitiu ser alvo de atenções posteriores(1990, p.179).

A partir dessa definição é possível perceber o caráter nacionalista do governo de Getúlio Vargas, voltado para a política de massas, com caráter assistencialista, alicerçava-se em

²⁰O autor britânico defende a ideia do fenômeno do nacionalismo como uma construção a partir das relações de poder e sociais que se configuram em cada contexto. Aborda as formas de afirmação do sentimento de nacionalismo com este antecedendo e formulando a ideia de Nação.

estratégias de disseminação de uma imagem positiva onde o seu governo manteria um diálogo entre as classes sociais, logo a coesão social.

O órgão oficial do Estado atua no sentido de internalizar essa ideia no imaginário social. Em diversos momentos, apresenta textos aclamando a ideia de que todas as classes estariam unidas em prol da luta pelo destino da nação.

Como já abordado anteriormente, diversas foram as estratégias de legitimidade e fortalecimento do regime político do Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas. Dentro desse contexto, as mudanças se faziam na perspectiva de engrandecimento da nação como um país forte e de um governo carismático e justo, onde as massas são beneficiadas.

Em virtude da atmosfera da guerra, o patriotismo, entendido como sentimento de amor pela pátria, foi intensificado com medidas do governo cada vez mais fortes, buscando intensificar os sentimentos de pertencimento, de orgulho pela nação. E em diversas esferas da sociedade medidas foram tomadas nesse sentido. O cotidiano das pessoas mudou. O que era ouvido, sentido, permitido e dito iam ao encontro dessa política de controle. A atmosfera da guerra só veio a acentuar ainda mais as transformações ocorridas.

Por sua vez, o interventor Ruy Carneiro fazia questão de apresentar o estado da Paraíba como sinônimo de vibração e apoio ao governo federal. Mesmo estando no Rio de Janeiro, acompanhava as manifestações populares e escrevia para o Jornal *A União* a fim de registrar sua preocupação, vibração e apoio às causas da nação, como em mensagem proferida no periódico em 18 de agosto de 1942, intitulada “Pode o povo paraibano estar certo de que o governo saberá conduzir os destinos da nacionalidade”:

Acompanho, cheio de entusiasmo, as manifestações patrióticas do povo paraibano, possuído da mais justa revolta ante os inomináveis atentados praticados pelas hordas de nazistas sanguinários, que levam o luto, a miséria e a dor, a todos os lares, sem respeito aos mais comensuráveis direitos dos povos que apenas aspiram desfrutar um regime de paz, sossego e conforto (A União, 19 de agosto de 1942, p.1).

É notória nas páginas de *A União* a imagem patriótica que se pretendia passar através das matérias e colunas com declaração de apoio e de solidariedade para com os destinos da nação. Em diversos momentos, fica evidenciada essa intencionalidade advinda do meio de comunicação oficial do governo, seja pelas doações de donativos em favor das famílias dos mortos marítimos, seja pelo discurso apelativo em torno do luto das vítimas.

O uso dos símbolos nacionais para intensificar o patriotismo do país é ainda mais evidenciado em tempos de Guerra. Em agosto de 1942 foi assinado um decreto-lei que estabelecia o uso da bandeira e a execução do hino nacional:

Haverá nos Estados Maiores das forças armadas federais, na Casa da Moeda, na Escola Nacional de música, nas embaixadas, legações e consulados do Brasil, nos museus históricos oficiais, nos quartéis-generais das Regiões Militares, nos comandos de unidades de terra, mar e ar, capitânicas de portos e alfândegas, e nas prefeituras municipais uma coleção de exemplares padrões de símbolos nacionais a fim de servirem de modelo obrigatório para a respectiva feitura, constituindo um instrumento de confronto para a comprovação dos exemplares destinados à apresentação, procedam ou não da iniciativa particular (A União, 02 de agosto de 1942, p.4).

Para a construção de uma imagem positiva de encorajamento aos pracinhas²¹ brasileiros também foram criados símbolos próprios, característicos da participação na Guerra, os slogans *E a cobra vai fumar* e *Senta a Pua!* que marcaram a participação da FEB²² e da Força Aérea Brasileira (FAB), respectivamente. No campo do simbólico, essas representações constituem marco essencial para a construção patriótica e é possível destacar que esse era o intento do governo, pois se fazia necessária uma política intensiva de ações voltadas para a busca de amor à pátria, tendo em vista que não era creditada ao Brasil a participação bélica no confronto. Sendo assim, uma política nacionalista ainda mais intensa foi sendo estabelecida pelos grupos políticos dominantes.

2.2 Getúlio Vargas e cultura política no Estado Novo

O governo de Getúlio Vargas que se inicia em 1930 marca um novo contexto político-social brasileiro. Em 1937, ele instaura o Estado Novo (1937/1945)²³ que caracterizará ainda mais seu perfil autoritário e centralizador. Desse modo, o país ganha um caráter diferente do período republicano.

Dentro desse contexto é possível perceber o Estado Novo como um período de características próprias e bem delineadas, onde, os aspectos voltados para as práticas patrióticas e nacionalistas, disseminadas ao longo do regime ditatorial, fazem parte de uma cultura política predominante no período. Por cultura política, pensamos a partir da abordagem de Ângela de Castro Gomes (2005), como sendo:

²¹Forma como ficaram conhecidos os soldados brasileiros que lutaram na II Guerra Mundial.

²²Para maior detalhamento desse processo, ver obra do historiador Luciano Bastos Meron *Memórias do Front: Relatos de Guerra de Veteranos da FEB* (2009), onde o autor aborda detalhadamente desde a preparação militar brasileira aos seus rendimentos no front na Europa.

²³O Estado Novo foi um regime político implantado por Getúlio Vargas, fruto de um Golpe de Estado em novembro de 1937 e durou até outubro de 1945. Marcou um novo momento da Era Vargas, trazendo grandes mudanças para o Brasil, sobretudo no que tange à política centralizadora e autoritarista.

um conjunto de representações, complexo e heterogêneo, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos de um determinado grupo (cujo tamanho pode variar) atribuí a uma dada realidade social, em determinado momento de tempo (2010, p.31)”.

A autora nos chama a atenção ainda para o fato de que mesmo havendo uma multiplicidade de culturas políticas em dada conjuntura, não impede que uma seja predominante. No caso do Estado Novo, as práticas vigentes no país tinham como finalidade a construção de uma consciência nacional voltadas para o civismo e à exaltação da pátria. A Segunda Guerra Mundial (1939/1945), por sua vez, foi evento potencializador dessa dinâmica, principalmente após a entrada do Brasil no confronto, em agosto de 1942, tendo em vista que seria necessária uma política voltada para o incentivo aos soldados que se preparavam para o combate bélico.

As estratégias de manutenção do poder por parte do presidente Vargas se deram de diversas formas, desde a intensificação de regimes de censura até as alianças com países democráticos. Com isso, tornou-se necessário a forte utilização dos meios de comunicação para a construção da imagem desse governo forte, centralizado e nacionalista. O estado da Paraíba, por sua vez, contava com o interventor Ruy Carneiro (1940/1945), que enfatizava as pretensões do governo nacional por meio de ações públicas e patrióticas recorrentes.

O Jornal *A União* se constituiu como fonte essencial para a propagação dessa imagem. Nesse sentido, discursos patrióticos, apelo por apoio da nação e uso dos símbolos nacionais como sinônimo de identidade e unidade foram intensificados nesse período, caracterizando um panorama político-social em consonância com os ideais varguistas do período.

Maria Helena Capelato em seu artigo *Estado Novo: o que trouxe de novo?(2007)* afirma:

O advento do Estado Novo, fruto de um golpe de apoiado por militares e pelas forças conservadoras da sociedade, não se originou de um movimento de massas nem se caracterizou pelo aspecto mobilizador, como ocorreu em outros países nesse período. Considerando o povo brasileiro inepto para a participação política (a grande massa de analfabetos servia de reforço para esse argumento), os ideólogos do poder, que organizaram o Estado pelo alto, tinham a preocupação de conquistar as elites, consideradas peças importantes na construção de um novo país (2007, p.137).

A autora enfatiza as particularidades do Estado Novo, mas deixa claro a sua inspiração européia: “um traço comum foi a crítica à liberal democracia e a proposta de organização de um Estado forte e autoritário, encarregado de gerar as mudanças consideradas necessárias para promover o progresso dentro da ordem (2007, p.11)”.

Após a concretização do regime ditatorial fazia-se necessária a afirmação desse novo regime. E para tanto, as estratégias usadas foram de forte repressão e controle social que

afetaram os rumos do país nos anos posteriores. Vale Realçar que os estados não mais possuíam autonomia e eram governados por interventores nomeados pelo próprio Getúlio Vargas a fim de que as decisões não saíssem de sua ordem.

Maria Helena Capelato propõe a divisão do Estado Novo em dois momentos cruciais: o período antes de o Brasil entrar na Guerra (1937-1942) e o período de fortes mudanças que se darão após a sua entrada no conflito, em 1942:

Pretende-se mostrar que, nos dois períodos, o Estado Novo definiu-se pelo autoritarismo graças ao intenso controle político, social e cultural e pelo cerceamento das liberdades em muitos planos; houve repressão e violência extrema expressas nos atos de tortura. O período se caracterizou também pelas significativas mudanças promovidas pelo governo. Elas ocorreram em vários níveis: reorganização do Estado, reordenamento da economia, novo direcionamento das esferas pública e privada, nova relação do Estado com a sociedade, do poder com a cultura, das classes sociais com o poder, do líder com as massas (2007, p.113).

Dentro desse contexto, a tentativa de manutenção da ordem e de afirmação de um país forte e nacionalista vai ser evidenciada nesse período de diversas maneiras: os meios de comunicação foram fortemente afetados (jornais, revistas, rádio), bem como as manifestações artísticas e culturais do período (cinema, teatro, música) agora vigiados, censurados e punidos; a criação do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – responsável por divulgar as realizações do governo que vai contribuir para o fortalecimento da imagem de uma política centralizadora, onde tudo passava pela aprovação do presidente; as transformações na política trabalhista como uma estratégia de controle social e da legitimidade da imagem de progresso para o país. E esse cenário será intensificado em virtude do confronto mundial.

Capítulo III

USOS PÚBLICOS DA HISTÓRIA PARA ALÉM DOS ESPAÇOS ESCOLARES: OS JORNAIS COMO FORMADORES DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

3.1 Educação em espaços não escolares

A escola é um dentre os vários espaços onde o conhecimento é transmitido, apreendido, produzido. Para além do espaço escolar, há diversas esferas onde os indivíduos podem interpretar o passado e produzir conexões históricas. Com isso, os sujeitos podem compreender o passado e projetar futuros, em um intenso processo de tomada de consciência histórica, como nos afirmaria Jörn Rüsen (2007).

Historiador alemão que faz parte de uma geração de teóricos da história que marca a segunda metade do século XX, no contexto pós Guerra Fria, Rüsen apresenta importante discussão sobre o conceito de consciência histórica em seu livro *História Viva*, discutindo acerca da Didática da História como campo específico da história, onde para ele os outros espaços por onde os homens aprendem história são dotados de complexidade e pressupostos didáticos que nos fazem perceber a dimensão histórica dos processos educativos.

Luís Fernando Cerri (2011) corrobora com o pensamento de Rüsen ao abordar a conceituação da consciência histórica como um fenômeno em que os indivíduos se utilizam da representação sobre a história para criarem projetos futuros e para ele “a articulação dos elementos da consciência histórica torna-se arma no campo de batalha de definição dos rumos da coletividade (2011, p.33)”. Isso nos faz pensar que a forma como os governos se articulam para a realização dos seus intentos, incorre fortemente na construção de sentidos para os indivíduos de uma dada sociedade e, para isso, ferramentas diversas são essenciais, como foram os periódicos no período que trata este artigo.

No contexto da política paraibana em meio à efervescência da Segunda Guerra Mundial, o jornal *A União* exerceu papel preponderante para a população paraibana. Ele se constituiu como espaço público de orientação para a vida prática e de compreensão de mundos. No caso das notícias diárias sobre a guerra, elas serviram de base para a construção de uma consciência histórica favorável ao nacionalismo e patriotismo, onde, por exemplo, os relatos comoventes de intelectuais que interpretavam o estado de beligerância, bem como as matérias de apoio por

parte dos sujeitos comuns e dos próprios estudantes à nação brasileira, serviram sistematicamente a uma atmosfera propícia ao intento do governo Vargas²⁴.

No jornal *A União*, a secção intitulada “Educação”, no periódico, trazia notícias, incentivos e orientações. Numa delas, podemos perceber a finalidade clara da educação cívica:

A educação cívica visa a formação da consciência patriótica. Deverá ser criado no espírito da criança e dos jovens o sentimento de que a cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da pátria e de que é dever de cada um consagrar-se ao seu serviço com o maior esforço e dedicação.” (*A União*, 15 de maio de 1942, p. 5)

As ações para educação cívica e patriótica foram sendo intensificadas em várias cidades do estado paraibano no ano de 1942. No mês de junho, o jornal relata um apelo em tom de exigência moral e cívica, alertando aos brasileiros sobre o seu dever de denunciar ações de espíões no Brasil. A Manchete do dia 24 tinha como título “Para que não fiquem impunes os inimigos do Brasil” e apresenta um discurso do procurador geral da República, Temistocles Cavalcanti, com o intuito de mobilizar a população a fim de combater a rede de espionagem que ameaçava a paz da nação: “A cada brasileiro compete reagir e apontar esses sabotadores da pátria para que não fiquem impunes os inimigos do Brasil. (p.3)”

O jornal *A União* nos mostra que os meses de julho e agosto serão de intensas manifestações de repulsa aos torpedeamentos dos navios brasileiros que vinham ocorrendo nesse período. Em julho, noticia de comícios antitotalitários ocorrendo em diversos estados do país (10 de julho, p.7). Em agosto, uma baixada de estudantes é enviada da capital para Campina Grande com a finalidade de apoiar as manifestações que lá ocorreriam contra os atentados aos navios brasileiros:

SEGUE, hoje, com destino a uma embaixada de estudantes pessoenses [...] Naquela cidade a embaixada promoverá manifestações patrióticas de repulsa aos bárbaros atentados contra o Brasil perpetrados pelos submarinos do ‘Eixo’. (*A União*, 19 de agosto de 1942, p. 6)

Essas manifestações se deram após o torpedeamento dos navios brasileiros no litoral do país, no dia 18 de agosto. Esse atentado não foi o primeiro, pois há relatos em *A União* de

²⁴Em diversos momentos nas páginas do jornal *A União* aparecem matérias específicas de propagação patriótica e de cunho nacionalista. E é possível perceber que a educação patriótica se dava para além dos espaços escolares. As pessoas aprendiam sobre a guerra e sobre a importância de seu país lendo ou ouvindo as notícias dos jornais.

torpedeamentos também nos meses anteriores, a exemplo de maio de 1942. Todavia, o clima de tensão se agravava ainda mais e nesse último atentado que antecedeu a decisão do governo brasileiro de declarar estado de guerra, o jornal evidencia que havia três paraibanos a bordo, como confirma a imagem:

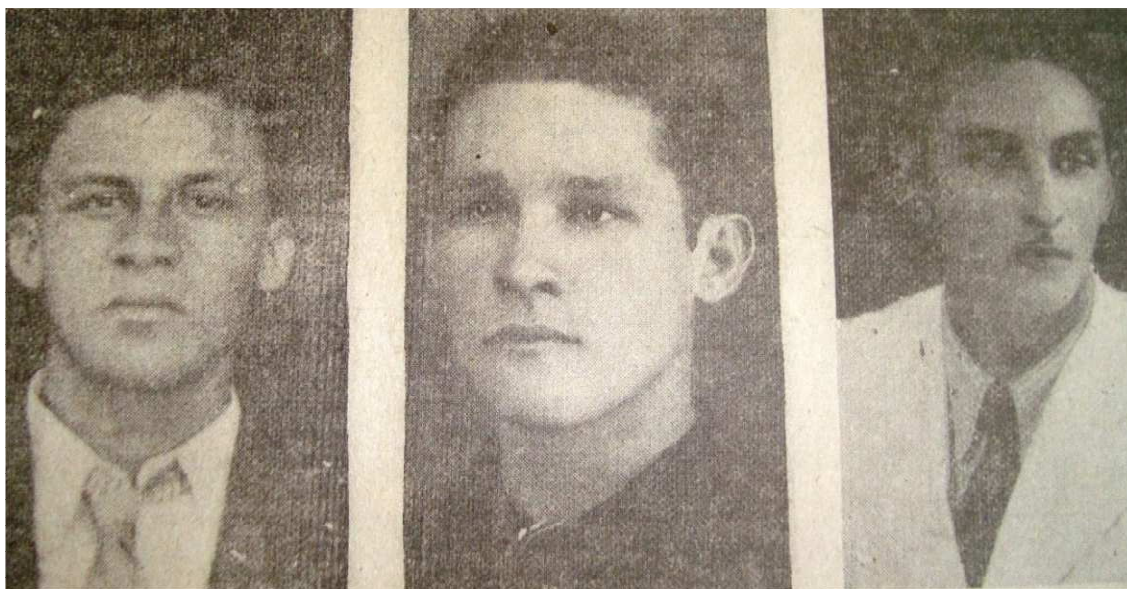


Figura 03: Retirada e adaptada do jornal *A União*.

Em 22 de agosto, quatro dias após o torpedeamento, o governo declara estado de guerra e a partir de então se sucedem várias manchetes de apelo popular, com discursos do próprio presidente e de outras figuras influentes no cenário político e intelectual brasileiro. Na Paraíba, o grande destaque será o interventor Ruy Carneiro que externará por diversas vezes seu sentimento de apoio à pátria.

No dia seguinte à entrada do país no confronto mundial, o discurso proferido pelo Jornal era em tom de pesar, suscitando a comoção popular, em face da desumanidade com que os alemães atingiram os navios brasileiros: “O covarde torpedeamento dos nossos navios pelos agressores do ‘eixo’ trouxe o luto a inúmeros lares brasileiros, contando-se entre as vítimas do ignominioso atentado vários paraibanos.” (A União, 23 de ago. de 1942, p. 5). O jornal ainda fazia questão de relatar os nomes dos familiares das vítimas, bem com suas atividades profissionais, o que transparecia uma apelação, na tentativa de sensibilizar a população. A ideia do luto a diversos lares brasileiros induz o patriotismo, pois tal sentimento se vê ferido com as perdas dos paraibanos.

A partir da análise dessas matérias, é possível perceber a relação entre as práticas advindas do campo educacional e o contexto de tensão bélica do país, e desse modo, percebe-se a forma como os jornais representaram essas ações. As manchetes, os discursos e as imagens

evidenciadas no periódico dialogam com a pretensão de uma educação nacionalista para o país. E desse modo, cabia ao governo da Paraíba incutir em sua população os valores cívicos, patrióticos e morais necessários ao estado de beligerância pelo qual passava o país. E isso foi sendo feito nos espaços e escolares e nos espaços públicos por onde circulavam as possibilidades de construção de consciência histórica sobre a guerra, que permitissem às pessoas estabelecerem conexões com a realidade em que viviam e mais do que isso, estabelecerem sentidos para seus projetos de vida.

3.2 Representações da imprensa paraibana: O Jornal A União como espaço propagador dos ideais nacionalistas

É sabido que o período varguista se propôs a reorganizar o país fundamentado nas concepções mais radicais do nacionalismo e que para isso era necessário envolver todas as instâncias da sociedade em prol dessa reorganização. A educação foi, neste conjunto panorâmico, um dos ramos que o presidente Getúlio Vargas se propôs a observar e reformar com minúcia, afinal de contas, a partir do ensino seria possível incutir na população estudantina os conceitos e formas de perceber o mundo de acordo como estava sendo pensado às estruturas superiores de poder. Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva (2013) afirma que “a escola seria espaço de transmissão ideológica, através de seu currículo, ou das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sociais²⁵ (p.31)”.

A iniciativa do Governo da Paraíba em solicitar apoio do Governo Federal para uma reforma no ensino do Estado foi algo de grande relevância. Tanto é que o ministro da educação Gustavo Capanema declarou em telegrama enviado ao interventor Ruy Carneiro, apoio ao plano de reforma do ensino na Paraíba. (PARAÍBA, Estado da. *Jornal A União*, 12.03.1942, p. 3).

FONSECA (2006) salienta que a Reforma Gustavo Capanema, de 1942, confirma o objetivo do governo para uma formação moral e patriótica, ao restabelecer a História do Brasil como disciplina autônoma. Por sua vez, o jornal *A União* vai dar destaque as notícias e mudanças referentes a esse novo momento, apresentando discursos de intelectuais do período

²⁵ A nossa intenção não é adentrar na discussão sobre o currículo escolar e seu papel político para a construção de identidade e no caso, de consciência para o contexto em que está sendo abordado essa pesquisa. O que nos propomos é refletir como as leis e a organização da política educacional serviram à conjuntura de Guerra, ou seja, como foi possível incentivar e disseminar ações patrióticas que seriam cruciais para a entrada do Brasil no confronto.

e propagando as ações pedagógicas patrióticas. O enfoque dado à Guerra nesse período é bastante perceptível nas páginas do jornal e é possível constatar o objetivo do governo de estímulo e incentivo a uma consciência nacional para o contexto de guerra quando, por exemplo, evidencia a mensagem de apoio aos estudantes da América ao 5º Congresso Panamericano de estudantes contra o Nazismo:

A América, continente novo que se formou pelo heroísmo de seus guerreiros, possui uma civilização que foi inspirada, na sua formação, pelo amor, e não pelo ódio, pela fraternidade, e não pelo egoísmo.

A Europa anda com sua fisionomia espiritual e política conturbada pela guerra; o pulpito e tribuna foram substituídos pelas trincheiras e pelos carros de assaltos. A União, 14 de maio de 1942, p. 3)²⁶

Nas edições diárias, o jornal contava com a coluna intitulada “Educação”, onde apareciam notícias sobre todo o estado e também considerações acerca do papel da educação para o povo brasileiro:

A educação é a ação exercida pelas gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (A União, 16 de maio de 1942, p. 5)

É possível perceber a finalidade a que a educação era pensada e promovida no Brasil nesse período, voltada para uma política nacionalista, com caráter patriótico. O estado da Paraíba, por sua vez, fazia seu papel dentro desse intento, inclusive com práticas escolares reforçando o ideal cívico e nacionalista, através de ações patrióticas por todo o estado. Várias matérias sobre manifestações de estudantes são relatadas nos periódicos durante os meses que antecedem a entrada do país no confronto, o que nos faz pensar que a decisão do governo brasileiro ao estado de beligerância era iminente.

Após a entrada do Brasil na Guerra, o Jornal A União irá dar ainda mais destaque ao assunto, trazendo agora as notícias do país para a manchete principal. Afinal, a força militar brasileira teria que se preparar em tempo recorde para o confronto e era necessária uma mobilização nacional de incentivo aos cidadãos que estavam sendo convocados para o exército.

²⁶As citações presentes nos jornais estão transcritas de acordo como foram apresentadas no período, sem alteração.

Com as pesquisas e análise das fontes, tornou-se possível perceber o caráter nacionalista do governo de Getúlio Vargas e sendo assim, compreender de que forma esse sentido foi sendo disseminado nas instituições escolares no estado da Paraíba, sobretudo, por que “meios” se educava a população paraibana, como foi o caso dos jornais impressos do período, principalmente do jornal *A União*. Uma educação nacionalista se fazia necessária e crucial ao governo Vargas que contava com o apoio dos aliados (governos/interventores) na concretização dessa finalidade. Mediante tal prerrogativa, coube ao governo da Paraíba incutir em sua população valores cívicos, patrióticos e morais.

3.3 Os reflexos da II Guerra Mundial no cotidiano da Paraíba e sua influência para a educação

Na História da humanidade, muitos fatos ocorridos em determinadas temporalidade e espacialidade acarretaram conseqüências significativas para as gerações futuras, não atingindo apenas as fronteiras do seu próprio lugar nem tampouco o tempo de duração desses acontecimentos. A II Guerra Mundial foi um fato marcante que não fugiu a essa perspectiva. Gerou reflexos na vida da população de diversos lugares do mundo e movimentou praticamente todos os países do globo, que envolvidos ou não, sentiram-se afetados de uma forma ou de outra pelos efeitos da Guerra, seja pela alteração da economia, seja pela disseminação do confronto através dos meios de comunicação, seja pelas crenças e ideologias de cada nação que iam sendo construídas e disseminadas das mais diversas maneiras: nos espaços públicos e/ou privados, formais e/ou informais. Todos esses lugares serviram como veículo de propagação e educação sobre a guerra.

Luciano Bastos Meron (2009) confirma em seus estudos sobre o tema, que o Brasil por alguns anos proclamou o sentimento de neutralidade como característica marcante de um país pacífico, em 1942 se vê impulsionado ao combate bélico. A sua relação político-econômica com os Estados Unidos, cada vez mais intensificada, pediria um posicionamento efetivo e os sucessivos ataques aos navios brasileiros seria o estopim para a entrada do país no confronto. A partir de então, o clima de tensão é disseminado e uma corrida pela preparação militar se dá de forma sistemática. Em estado de Guerra, o governo brasileiro intensifica a propagação de sentimento de confiança entre a população e se utiliza dos meios de comunicação para tal propósito. Nesse sentido, os jornais ganham destaque por apresentarem as intenções

governamentais, sempre na perspectiva de centralização do poder e controle das opiniões a serem externadas.

No caso do estado da Paraíba, os ânimos da população, de fato, foram alterados pelo clima do confronto bélico e mais intensamente, com a entrada do Brasil no conflito. Diversos setores da sociedade criaram novos hábitos e novas rotinas diante do clima que se estabelecia no estado: havia reunião de pessoas nas praças para ouvirem notícias sobre o estado de beligerância, as pessoas se recolhiam mais cedo com medo dos aviões em treinamento que pairavam no céu, o cinema era contagiado com os filmes de guerra, o campo da moda aderiu às estampas do exército²⁷. As notícias dadas pelo Rádio e pelos jornais deixavam a população inquieta e contagiada. Nas escolas, nas igrejas, nos bares, nos cinemas, nas praças, o assunto principal era a entrada do país na guerra e a consequente contribuição do estado paraibano na luta contra as forças do Eixo²⁸. O campo educacional paraibano também foi contagiado pela atmosfera da guerra, predominando o incentivo aos soldados brasileiros que se preparavam para ir ao confronto em 1943. Mesmo os estudantes que ainda não possuíam idade para ingressar na força militar brasileira procuravam de alguma forma dar a sua contribuição para a nação. Com esse pensamento, criaram a Brigada Estudantil Paraibana, uma organização com o intuito de fazer movimentos e reuniões para tratar sobre a Guerra. Dessa forma, os estudantes sentiam-se ativos. Nesse sentido, é importante destacar a forma como a Guerra contagiou a população, tendo a classe de estudantes se movimentado a fim de demonstrar o seu amor pela pátria (MELLO, 2003).

As pesquisas no jornal *A união* apontam que havia manifestações de estudantes de diversas escolas paraibanas em favor da guerra. O principal objetivo era o apoio aos pracinhas. Algumas matérias do jornal dão destaque a essas manifestações e o que se percebe é a finalidade do periódico do governo de divulgar ações patrióticas das escolas a fim de servirem de modelo para a população paraibana²⁹.

Para além do campo educacional, outros espaços constituíram-se como terreno de educação patriótica e o jornal *A União* teve forte participação nesse intento. As pesquisas nos periódicos apontam que as notícias da guerra eram repercutidas diariamente e o desenrolar dos

²⁷ Para maiores detalhes, ver Mello (2003). O autor destaca alterações no cotidiano da sociedade paraibana em virtude do conflito mundial.

²⁸ Essa análise é fruto de minhas pesquisas de graduação para a monografia intitulada “Para além das fronteiras: os reflexos da Segunda Guerra Mundial no cotidiano da sociedade paraibana (1939/1945)”, defendida na Universidade Estadual da Paraíba em 2011, onde pesquisei no jornal *A União* os impactos causados pela guerra à sociedade paraibana.

²⁹ Algumas dessas matérias serão detalhadas e analisadas no terceiro capítulo deste trabalho.

acontecimentos após a entrada do Brasil no confronto serão fortemente propagados. A busca de comoção da população paraibana e o apoio necessário à nação brasileira para esse momento de tensão seriam alcançados graças, em parte, por essa construção de uma consciência histórica da guerra.

CONCLUSÃO

Os meios de comunicação sempre tiveram um papel relevante no que tange à disseminação e propagação das notícias de determinado lugar e/ou região. Eles se fazem como fio condutor entre as relações políticas que se estabelecem na sociedade.

No período da II Guerra Mundial o rádio era o meio de comunicação de massa. Entretanto, os jornais também foram fortes propagadores das notícias da Guerra. E mesmo nesse período 95% da população brasileira sendo analfabeta (cf. MERON, 2009), os jornais conseguiam atingir um percentual relevante da população, pois as notícias se espalhavam e tornou-se rotina o aglomerado de pessoas em lugares públicos como as praças, por exemplo, para se inteirarem sobre o panorama da Guerra, principalmente após a entrada do Brasil no conflito.

A política nacionalista de Getúlio Vargas, intensificada no contexto da guerra, estabeleceu pilares fortes de ações patrióticas que atingiriam boa parte a população paraibana. Dentro de um regime ditatorial, sensibilizar a população para o apoio patriótico com a construção de uma imagem de que o país estaria dentro da ordem e do progresso e lutando pelo seu povo era importante passo para a construção de uma identidade, de legitimação do Estado Novo. A construção dessa “pátria amada” se fez necessária e possível graças a esse conjunto de ações (relatadas neste trabalho), embasadas no ideal nacionalista. E como os estudos nos apontam, a construção do sentimento de brasilidade passa antes pela esfera local, regional. E no caso específico do estado da Paraíba, a tentativa era a construção do sentimento de *paraibanidade*.

Nesse sentido, os jornais foram cruciais para a política de disseminação do espírito patriótico e nacionalista. Mais do que isso, através deles, muitas pessoas construíram uma relação de sentido com os acontecimentos históricos e com o contexto em que viviam. Dessa forma, construíram uma consciência histórica capaz de reorganizarem seus projetos de vida e construírem outros. Os espaços formais e informais por onde a educação acontecia tornaram

possíveis elos entre a história que acontecia no mundo e a vida prática de cada indivíduo, que agora não apenas ouvia ou lia sobre a guerra, mas sentia na pele seus impactos.

Em tempos extremos, como foram os da Segunda Guerra Mundial, é possível perceber a finalidade a que a educação era pensada e promovida no Brasil, de maneira bastante peculiar. No caso do estado da Paraíba, essas alterações também foram fortemente sentidas, como nos confirmaram os estudos desse trabalho.

Nesse sentido, é possível observar que a função da educação envolve aspectos complexos e interligados às dimensões políticas, culturais, sociais e econômicas vigentes no contexto a que se destina. E as formas de se ensinar para determinado intento transcendem os aspectos formais, envolvendo uma rede de relações de poderes múltiplos. Por isso, refletir sobre a história da educação em nosso país é empreitada árdua, mas ao mesmo tempo instigante, pois nos permite tecer fios singulares para a construção desse grande emaranhado de retalhos que compõe a nossa própria história.

REREFÊNCIAS:

ALTHISSER, Louis, Sobre a Reprodução; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de história e consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História e ensino de história*. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX – 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra; 1998.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MELLO, José Octávio de Arruda. *Nos Tempos de Félix Araújo: Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937/47)*; João Pessoa: SEC-PB/IPHAEP, 2003.

MERON, Luciano Bastos. *Memórias do Front: Relatos de Guerra de Veteranos da FEB*. Dissertação. Salvador: 2009.

PARAÍBA, 1936-1946. Leis e Decretos, João Pessoa, Imprensa Oficial.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

RÜSEN. Jörn. *História Viva: teoria da história. Formas e funções do conhecimento histórico*; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Vânia Cristina da. *Ó pátria amada, idolatrada, salve! Salve!: festas escolares e comemorações cívicas na Paraíba (1937-1945)*. Dissertação; João Pessoa: [s.n.], 2011.

FONTES:

Jornal *A União*. Janeiro a agosto de 1942.